**Encontro 7 - Migalhinhas digitais: Mapeando PLEs (Ambientes pessoais de aprendizagem) como possibilidade para a gestão do conhecimento**

De acordo com a mitologia grega, Ariadne, filha do rei de Creta, Minos, apaixonou-se por Teseu quando este foi mandado a sua cidade como sacrifício ao Minotauro que habitava o labirinto no qual, quem se aventurasse a entrar, não conseguiria mais sair e seria devorado pela fera. Ariadne ajuda Teseu dando-lhe uma espada e um novelo de linha para que ele pudesse achar o caminho de volta...

Sherlock Holmes é o detetive inglês que resolve os casos mais complicados valorizando detalhes. Ele domina técnicas para identificação de pistas, tais como para análise de impressões em pneus de bicicleta ou para decifrar centenas de tipos de criptogramas e variedades de fumos usados em cigarros, cachimbos e charutos...

Você deve estar se perguntado: Mas o que estas histórias têm em comum? Estas duas histórias mostram o quanto são importantes as marcas deixadas no caminho, quer para Teseu retornar aos braços de Ariadne, quer para Sherlock desvendar seus casos misteriosos. E nas nossas pesquisas será que deixamos marcas de nosso percurso? Será que podemos mapear esses caminhos para melhorar a gestão de nossa aprendizagem?

Atualmente é possível afirmar que as revoluções tecnológicas transformaram as relações humanas, os processos de comunicação, a dinâmica para acesso ao conhecimento e as formas como trabalhamos. As Tecnologias de Comunicação e Informação – TIC – são responsáveis por alterarem os processos para construção do conhecimento, uma vez que agora ele se difunde pelas redes, cresce com a participação de diversos sujeitos e não pertence mais a um indivíduo. De acordo com Sevcenko (2005) ao se somar às descobertas científicas, invenções e inovações tecnológicas realizadas pelos seres humanos, desde a origem da espécie até os dias de hoje, chega-se à espantosa conclusão de que mais de oitenta por cento de todas elas se deram nos últimos cem anos.

De meados da década de 1990 para cá, temos caminhado velozmente por uma rede mundial de comunicação e acesso a uma infinidade de conhecimentos, na qual a interação foi o fator predominante e o caráter aberto da sua arquitetura à sua própria imagem. Para Castells (2003), a Internet apresenta uma ideologia libertária que caracteriza a “Era da Internet” e da “Comunicação Global Midiatizada”. Este fenômeno de comunicação e acesso à informação global é impulsionado em 2004 com o surgimento do Orkut que ganhou sua versão em português em 2005 e pelo Youtube, lançado neste mesmo ano com a ideia de ser um site para compartilhamento de vídeos pelos usuários.

Se na Sociedade Industrial o capital era o recurso de produção, na Sociedade da Informação a abundância de informações e a necessidade da transformação destas informações em conhecimento são os principais capitais. Sendo assim, compreende-se a necessidade de uma formação profissional não mais baseada na memorização e repetição de procedimentos, mas na necessidade de saber lidar com uma grande quantidade de informações, que são atualizadas a cada minuto e onde um conceito que hoje é considerado como verdadeiro, pode já não ser mais amanhã, a partir de uma nova descoberta. É necessário saber lidar com as dúvidas e as incertezas (Moran, 1995), ser capaz de percorrer novos caminhos todos os dias e lidar com uma grande quantidade de informações.

Essa nova dinâmica da sociedade, implica em rever as práticas pedagógicas que levam, não só ao domínio de conteúdos por parte dos educandos, mas a apropriação de processos metodológicos que os ajude a mapear informações e organizá-las para que possam ter acesso, quando se faça necessário. Oportunidades para apropriação de metodologias de pesquisa podem acontecer por meio de atividades individuais, como também por meio de atividades colaborativas e em rede e em projetos intelectuais multidisciplinares que contemplem a integração de tecnologias e mídias digitais.

Diante da necessidade de se gerenciar uma quantidade, cada vez maior de informações, surge o conceito de **PLE (Personal Learning Environment)** ou **em português Ambiente Pessoal de Aprendizagem**.

Os PLEs são entendidos como:

* “PLE é um conjunto de ferramentas, fontes de informação, conexões e atividades que cada pessoa utiliza de forma assídua para aprender”. (Castañeda 2010)
* É um conceito de aprendizagem em que a pessoa decide o que (matéria, habilidade, etc), quando (tempo), onde (ambiente), porque (motivo) e como (de que maneira) quer aprender sendo, com isso, o conhecimento adquirido algo pessoal, aberto e modificável, com uma estrutura inicial simples, mas que progressivamente vai adquirindo complexidade e tem como objetivo principal facilitar o aprendizado, de uma maneira informal não dirigida.
* Há ainda autores que defendem que os PLEs são sistemas que ajudam as pessoas a gerenciar a sua própria aprendizagem, sendo capazes de organizar conteúdos e processos e de estabelecer conexões com outros processos de aprendizagem, tendo como suporte a sua área de trabalho, no seu computador pessoal ou em um serviço da web.

Um PLE pode ser composto por diferentes ferramentas que usamos diariamente para aprender, o que possibilita traduzir os PLEs como portais abertos, por onde cada pessoa, a partir de seus interesses pessoais, pode registrar seus percursos de pesquisa, interagindo com quem quiser.

De acordo com Attwell e Costa (2008) quando utilizados na Educação, um PLE pode contribuir para:

* Organizar processos de busca de informações;
* Agregar valor ao combinar diferentes informações;
* Proporcionar processo de reflexão e questionamentos junto aos alunos;
* Criar um ambiente colaborativo de aprendizagem etc.

Podemos dizer então que um PLE é um recurso para organização de espaços pessoais de aprendizagem, contribuindo para que sejam tecidas ligações entre diferentes informações e registro de processos vivenciados em pesquisas. Ou seja, o fio de Ariadne se faz presente, nos salvando do emaranhado que constitui a rede mundial de computadores conectados à Internet.

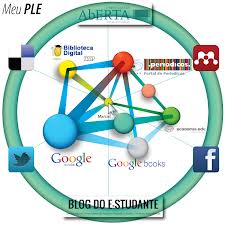
É consenso entre pesquisadores e professores que os processos de pesquisa formal, informal ou ao longo da vida, necessitam de alguma forma lógica para organização de diferentes tipos de informações e o PLE pode colaborar, neste sentido. Podemos chamar, então, esse movimento de um embrião de um processo de gestão do conhecimento.

Para organizar um bom PLE é necessário levar em consideração alguns cuidados:

* Localizar sites com fontes de informações confiáveis e qualificadas;
* Buscar redes onde os usuários possam se expressar, refletir sobre os conteúdos acessados e que também possam relatar seus conhecimentos sobre um determinado assunto, suas dúvidas e inquietudes;
* O usuário deve interagir com outras pessoas por meio de leitura e comentários.

A criação de PLEs, por profissionais da Educação, amplia as oportunidades para acesso à informação e a interação entre colegas. Esta prática potencializa o aprendizado contínuo na área de atuação do professor e também aumenta a possibilidade de conhecer novas tecnologias e metodologias que poderão ser empregadas no processo de ensino e aprendizagem junto aos alunos. Com isso, o professor passa a ser protagonista de seu desenvolvimento profissional e crescimento pessoal.

Com o PLE criado é como se o professor tivesse em mãos um mapa que vai auxiliá-lo a identificar os seus caminhos de pesquisa e, a partir daí, ter mais elementos para planejar boas aulas.

O argumento para a utilização de PLEs não é técnico, mas sim pedagógico, uma vez que estes recursos proporcionam aos professores e alunos conhecerem como direcionam suas práticas de pesquisa, por onde navegam e caminham, enfim ajuda-os a mapear e fazer a gestão do seu próprio conhecimento. Esta prática fortalece um dos preceitos que faz parte das Leis de Diretrizes e Bases do Brasil, onde nos é colocado o desafio de preparar os alunos para darem continuidade aos seus estudos. Vivenciar práticas como esta, ajudará os alunos a aprimorar seus processos de pesquisa, não só para “dar conta” dos desafios de aprendizagem que fazem parte da sua vida escolar, mas os ajudará a se organizar para superar muitos desafios que a vida irá lhe apresentar, visto que cada vez mais é necessário se aprimorar constantemente.

**Bibliografia Complementar:**

* Attwell, G., & Costa, C. (2008). **Integrating personal learning and working environments**. Disponível em <http://www.pontydysgu.org/2008/11/integrating-personal-learning-and-workingenvironments>. Acessado em 2 de fevereiro de 2013.
* BOMFIM, M., N., C. da. **Integração automática de aplicações externas em um ambiente de aprendizagem apoiado na web 2.0**. Dissertação (Mestrado) Instituto de Matemática Núcleo de Computação Eletrônica, Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2009. Disponível em: <http://www.nce.ufrj.br/ginape/publicacoes/Dissertacoes/MauricioNunes_disserta%E7ao.pdf>. Acessado em 02 de fevereiro de 2014.
* Moran, J. **Tablets e Netbooks na Educação**. Disponível em: [http://www.eca.usp.br/moran/tablets.pdf](http://www.eca.usp.br/moran/tablets.pdf" \t "_top). Acessado em 08 de fevereiro de 2014
* Santos, C. (2009). Sapo Campus – **Plataforma Integrada de Serviços Web 2.0 para Educação**. Challenges 2009 – VI Conferência Internacional de TIC na Educação (pp. 34-48). Braga: Universidade do Ninho.
* Silva, S. **Ambiente Pessoal de Aprendizagem (PLE) como recurso de aprendizagem para o professor**. Revista GEINTEC. V. 2, no. 2. São Cristóvão/SE, 2012. p. 120-128. Disponível em: <http://www.revistageintec.net/portal/index.php/revista/article/view/27/88>. Acessado em 08 de fevereiro de 2014.